



O destino de construir uma literatura



Um novo humanismo

POR DULCE TUPY

Em Março passado foi lançada no Brasil uma antologia da literatura dos países africanos de língua oficial portuguesa. Na altura, vários escritores desses países deslocaram-se ao Brasil (recorde-se que de Moçambique foram Albino Magaia, Mia Couto e Ungulani Ba Ka Khosa). O artigo que aqui publicamos fala dos caminhos da nossa literatura, dos de-

bates que se levantaram em torno da designação «cultura negra» e reproduz alguns depoimentos dos escritores africanos que participaram nos debates.

O texto, da autoria de Dulce Tupy, foi publicado no número de Setembro da revista «Terceiro Mundo». Pela sua importância e oportunidade, resolvemos transcrevê-lo na íntegra.

A falta de informação sobre a África, em todos os níveis, foi uma constatação desesperadora para os escritores africanos António Cardoso, Manuel Rui e David Mestre, de Angola, Albino Magaia, Mia Couto e Ungulani Ba Ka Khosa, de Moçambique, e Corsino António Fortes, de Cabo Verde, em visita ao Brasil, a convite do Instituto Nacional do Livro Infanto-Juvenil.

A desinformação sistemática, promovida pelos meios de comunicação em geral e pelas agências noticiosas estrangeiras, deixou os

visitantes atónitos. Aqui não se lê nos jornais uma linha sequer sobre o que se está passando na África.

Por outro lado, a mitificação da África como «terra-mãe», «útero materno» e outras metáforas passa muito mais pelo uso das trancinhas, inspiradas no movimento rastafari jamaicano, do que em informações verdadeiras. A confusão entre «cultura negra» e literatura africana rendeu um debate acalorado na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde os escritores se encontraram com

uma plateia totalmente desinformada sobre o assunto.

«CULTURA NEGRA»

Foi realmente um choque o que contro com estudantes e professores. Embora ficassem fascinados com as camisetas estampadas, com poemas até de Maiakovsky, vendidas pelos alunos, os escritores africanos foram recebidos no auditório com letras garrafais escritas na lousa: «Cultura Negra».

Em vez da apologia da «cultura negra» — esse conceito até certo ponto estigmatizante e tão

usado nas Américas —, os africanos revelaram um discurso maduro sobre as questões que permeiam a luta de classes e o racismo. Negros, brancos ou mestiços, «somos todos vítimas do imperialismo linguístico», proclamou o escritor e advogado angolano Manuel Rui. E foi adiante, sentenciando: «O gueto foi a invenção mais diabólica do opressor».

Para Manuel Rui, essa nomenclatura «cultura negra» está equivocada. «E preciso não assumir o gueto que tentam nos impor. O opressor diz: vocês, negros, são os melhores no futebol e na música. Se um negro então quer ser o melhor nos computadores, não pode! Portanto, não devemos assumir o gueto. Temos que avançar, porque, no fundo, o que existe é um processo de luta de classes. Existem, sim, a casa grande e a senzala. Se o negro quer entrar na casa grande apenas para ocupar espaço, isso é oportunismo. É preciso entrar na casa grande, mas para acabar com a casa grande e com a senzala. Precisamos acabar com isso, porque não podemos ser livres enquanto houver um homem que não seja livre. É preciso que os escritores brasileiros negros entrem nas associações de escritores, nos sindicatos, e sejam grandes escritores brasileiros e não escritores «negros», senão seria assumir o gueto! A literatura de Angola é a nossa literatura, literatura de negros, brancos e mestiços angolanos. Nós integramos a ideologia da vitória e não a ideologia do derrotado. E conseguimos essa vitória — negros, mestiços e brancos — com armas na mão».

Num país carente de informação sobre a África, onde cada vez mais se mitifica o tirano Hailé Selassié, um ditador fascista que atirava os inimigos aos leões, seria importante descobrir o processo a que os brasileiros — negros e brancos — estão sujeitos, sublinham os africanos.

«Eu gostaria de ter vindo ao Brasil dos brasileiros e não ao Brasil dos negros ou dos brancos», lamenta o moçambicano Mía Couto. E verifica em sua primeira viagem ao Brasil: «Disseram-nos que o Brasil é um país em busca

de sua identidade e que a África pode ajudar muito nisso. Porém, parece-me estranho uma pessoa querer conhecer seu próprio corpo através do corpo do outro e não através de si mesmo. Acho que o Brasil deveria se voltar mais sobre si. Mesmo a comunidade negra brasileira tem um grande desconhecimento da África. Daí essa mistificação de certos valores superficiais africanos, esses estereótipos como as trançinhas, onde sobressai apenas o lado folclórico do nosso continente».

Perplexo com a confusão instalada no auditório, o jornalista e poeta Albino Magaia explica como essas questões foram superadas nas lutas de libertação. «Angola, em 61, Moçambique, em 64, entraram na luta armada e isso nos obrigou a uma reflexão muito profunda. Estávamos lutando por um país só de negros? Um país de negros e brancos? Um país mestiço? Verificamos que, por imperativos de luta, tivemos que criar um novo humanismo naquela zona da África. Não lutamos contra os brancos. Lutamos contra a exploração do homem pelo homem. O ANC — Congresso Nacio-



David Mestre

nal Africano — não luta contra os brancos. O que está em causa é a libertação do povo sul-africano que é composto, de negros, de indianos, mestiços e brancos. O Chefe do Estado-Maior do ANC é um branco. O branco, na África do Sul, também não é um homem livre. Ele também tem as suas liberdades cerceadas. Então, temos que libertar esse homem branco também».

«Se vamos crer nessa África mítica que estamos vendo aqui — prossegue Magaia —, então vamos recriar o racismo no Brasil. E já temos um exemplo disso com a guetização dos negros nos Estados Unidos, embora lá muitos grupos já tenham avançado nesse sentido. Hoje, eles não lutam para serem reconhecidos como 'negros' mas sim pela cidadania. Lutam para serem reconhecidos como norte-americanos. Não devemos mandar os negros para a África e os brancos para a Europa. O 'boer' (sul-africano de origem europeia) é cidadão africano também. Não vamos atirá-lo no oceano. Temos que superar essa vingança sobre a escravatura».

Na complexa sociedade brasileira onde o branco é o invasor, o negro é o escravo e o índio, o invadido, como defender uma posição ortodoxa? É o que se pergunta Manuel Rui e complementa: «Hoje, não tem sentido uma desforra do negro devido à escravidão. A luta do negro foi a luta da resistência cultural no Brasil. O Brasil é um país sui-generis na América Latina. É um país que assumiu a sua diversidade. É o país que mais assumiu sua idiossincrasia. Como foi que o português não conseguiu impor aqui o bacalhau com batatas e sobreviveu à feijoada? No restante da América Latina, isso não ocorreu e a gente esbarra o tempo todo com as 'tortillas' espanholas. O importante é desvendar esse processo».

TRACANDO O CAMINHO

Durante quinze dias, no Rio de Janeiro, os sete escritores africanos de expressão portuguesa em visita ao Brasil debateram vários assuntos literários e extra-literários com estudantes, professores e jornalistas brasileiros.

Na rigorosa programação cumprida no país, que incluiu visitas às universidades de São Paulo, Campinas, Brasília, Rio de Janeiro e Salvador, não faltou tempo para um encontro e troca de livros com o Presidente — e também escritor — José Sarney. Como saldo ficou o embrião de um maior in-



Mia Couto

tercâmbio entre os países da comunidade de expressão portuguesa. Afinal, por estarmos tão unidos na língua e tão dispersos na vida, ainda se confunde no Brasil literatura africana com «cultura negra», para constrangimento de todos.

NACIONAL, NÃO RACIAL

Negros, brancos ou mestiços, os escritores africanos ultrapassa-



Manuel Rui

ram, na prática, a esfera do racismo em seus países. Independentes desde meados dos anos 70, tendo vivido um processo de luta armada, os africanos não revolvem as cinzas de um passado longínquo e nem se fixam no triste capítulo da escravidão. Talvez por isso, segundo alguns deles, trazem uma vantagem. Por ser relativamente recente, a literatura africana não tem uma tradição muito pesada a romper e não carrega tantos preconceitos.

Por outro lado, os escritores assumem a difícil tarefa da unificação nacional, através da língua e a partir do rastro da miséria, fome e barbárie traçado por séculos de colonialismo. No caso de Moçambique e Angola, a situação é ainda mais grave. Ambos têm sido vítimas dos ataques terroristas da África do Sul. Mas, apesar disso, os escritores africanos resistem e estão aí, com o vigor de uma literatura emergente.

«Liberdade, fraternidade, igualdade/nas asas do Mirage a França/cultural/enciclopédia do Sena/as águas não se turvam/de sangue e os poetas/podem falar da lua/ao som de acordeon as asas/do Mirage a França/cortando o céu com elegância/e na vanagem/de bombardear escolas/à distância», diz o verso certo de Manuel Rui.

Poeta, ficcionista e letrista angolano (tem uma composição gravada no Brasil pelo compositor e cantor Martinho da Vila), Rui foi traduzido para o espanhol, russo, checo, romeno, francês, inglês e sueco, mas só agora chega de facto aos brasileiros.

Tomando de assalto o tema da guerra, transforma a reflexão sobre si mesmo, enquanto gênese literária, num autêntico «ser ou não ser» africano e acusa: «Quando chegaste, os mais velhos contavam histórias. Tudo estava no seu lugar. A água. O som. A luz. Na nossa harmonia. O texto oral. E só era texto, não apenas fala, porque havia árvores, parrelas sobre o crepitar de braços da floresta. E era texto porque havia gesto. Texto porque havia dança. Texto porque havia ritual. Texto falado, ouvido e visto. E certo que podias ter pedido para ouvir e ver as his-

tórias que os mais velhos contavam quando chegaste! Mas não! Preferiste disparar os canhões. A partir daí, comecei a pensar que tu não eras tu, mas outro, por me parecer difícil aceitar que da tua identidade fazia parte esse projecto de chegar e bombardear o meu texto. Mais tarde, viria a constatar que detinhas mais outra arma poderosa, além do canhão: a escrita», reflecte Manuel, sobre a oralidade e a escrita, na resistência cultural contra o colonialismo português.

Mais adiante, explicaria o uso do português como língua de unificação nacional, que convive com as chamadas línguas «originá-



Ungulani Ba Ka Khosa

rias»: quimbundo, umbundo, kikoo, kuaiama e outras.

NA TRINCHEIRA LITERÁRIA

Preso em 1961 pela Pide, a famigerada polícia política portuguesa, António Cardoso escreveu a maior parte de sua obra nos 14 anos em que esteve no campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde. Integrante da geração «Mensagem», uma revista que publicava Agostinho Neto, António Jacinto, Luandino Vieira, e n t r e outros, Cardoso lembra que, naquela época, ler era um privilégio a que poucos tinham acesso.

«Noventa por cento da população não sabia ler antes da independência. Hoje, a instrução avança. Os jovens estão todos alfabe-

tizados, a não ser nas zonas de guerra», diz o autor de «21 poemas da cadeia», «Baixas e musseques», «Lição de coisas» e outros livros publicados em Angola, Portugal e Brasil.

Os livros de António Cardoso se esgotam rapidamente nas livrarias, como se esgotam a maioria dos livros em geral. Cumprindo sua função social, os livros são mais baratos que cigarros, que cerveja. Além disso, não se importam livros estrangeiros, portanto não há concorrência. Sem falar na sede intelectual que flui, quando todos têm acesso à leitura.

O livro de relatos da prisão, *Yo Mabalane*, do jornalista e poeta Albino Magaia, director da revista «Tempo», o mais importante semanário de Moçambique, é um desses casos recordes de vendas. Lançado em 1983, com uma tiragem de 20 000 exemplares, *Yo Mabalane* esgotou em menos de um mes, num país onde formam-se filas para tudo, inclusive nas portas das livrarias ...

VOCAÇÃO ETICA

A literatura africana já não bate apenas na tecla da africanidade. A temática se aprofunda e se amplia. Isso poderia ser explicado pelo facto de já ser cabo-verdiana desde o movimento dos chamados «claridosos», que editavam a revista «Claridade», no fi-

nal da década de 30, em Cabo Verde. É angolana desde o primeiro poema que continha a essência da angolanidade, o amor pela pátria, no século passado. É moçambicana desde que a geração de Craveirinha e Noémia de Sousa — uma rara presença feminina na literatura africana — proclamou a harmonia da marimba e a força dos tambores. Essa especificidade literária aparece também na literatura guineense e em S. Tomé e Príncipe. É um espaço de consciência que, cristalizado no nacionalismo pré-independência, passa hoje pelo priama das mais matizadas tendências.

SONHA MAMANA ÁFRICA

Com a presença dos sete escritores africanos, foi lançado o livro «Sonha Mamana África» (Edições Epopéia, 564 páginas, 350 cruzados), último de uma trilogia organizada pela professora Cremilda de Araújo Medina, docente da UFRJ, sobre a literatura contemporânea em língua portuguesa.

O primeiro volume da trilogia, «Viagem à literatura portuguesa contemporânea», lançado no Brasil em 1983, reuniu 52 novos escritores portugueses. Dois anos depois, o segundo volume, «A posse da terra», lançou, em Portugal, 54 novos brasileiros. Agora chegou a vez das cinco jovens repú-

blicas africanas — Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe — entram nesta ciranda que compõe a comunidade linguística de expressão portuguesa.

São 41 escritores africanos, jovens e veteranos, inéditos ou consagrados, poetas, ficcionistas e ensaístas, reunidos na antologia «Sonha Mamana África». Na sua maioria desconhecidos dos leitores brasileiros, os escritores africanos são apresentados pela autora, que garimpou durante dois meses no solo fecundo de mamana África. Apesar do uso comum do português, a colectânea descortina um caldeamento linguístico extremamente enriquecedor e até um poema e um conto do cabo-verdiano Tomé Varela da Silva em puro crioulo, sem tradução.

Trilhando o caminho dos escritores africanos — do início do século aos dias de hoje —, Cremilda capta o sentimento nacionalista que norteia, as lutas de libertação nacional, nos anos 60. Depois da independência, a militância literária africana tende a se deslocar para a trincheira da língua. No edifício da moderna literatura africana, descobrimos que cada escritor é um pouco barro, um pouco ferro, um pouco tijolo. E todos apontam para um novo universo em construção.